

Mendes pede autonomia para Ceilândia

Jornal de Brasília

Cláudio Ferreira

Moradia, transportes, saúde, segurança, são muitos os problemas de Ceilândia. Com mais de 500 mil habitantes, a maior cidade do Distrito Federal tem um crescimento vegetativo que faz sua população aumentar muito e dificulta a resolução da maioria dos seus problemas. No ano do Plano Cruzado, em que a população de baixa renda em todo o Brasil festejou a oportunidade de poder consumir, a Administração Regional sentiu um pouco a desconfiança do povo por causa das ameaças de descongelamento e das manobras eleitorais, mas a maior certeza do administrador Ilton Mendes, há um ano e meio no cargo, é que Ceilândia precisa parar de crescer e deve ter sua autonomia administrativa.

De acordo com Ilton Mendes, as reformas econômicas, de 28 de fevereiro, beneficiaram tanto os empresários quanto os consumidores da cidade. A parcela da população que aproveitava os juros da caderneta de poupança para consumir pôde suprir suas necessidades e, mesmo o Plano Cruzado II, não afetou a classe mais baixa. "Mas na medida em que se tem mudanças radicais na economia, é preciso que alguém faça um sacrifício". O administrador lembra que produtos como arroz, feijão e transportes continuam congelados e o que falta na maioria das pessoas é uma visão maior dos problemas. Ilton concorda que a tomada de medidas econômicas, após as eleições de 15 de novembro, foi uma precaução contra reflexos negativos nas urnas, mas diz que agora o povo deve cobrar do governo providências quanto a problemas graves como a extinção de algumas estatais, para que a máquina governamental fique mais leve e a negociação da dívida externa viável.

Indagado sobre uma possível perda de confiança no governo por parte da população, o administrador de Ceilândia diz que o povo de uma maneira geral está ressentido com seus governantes pelo choque causado por algumas medidas mais drásticas. Mesmo assim, ele diz que é preciso que se acredite nas propostas sérias do governo e no compromisso de se mudar a nação. "O país mudou ou não?", pergunta Ilton Mendes. Quanto às eleições, sua surpresa foi muito grande, pois o povo mostrou-lhe que está amadurecido politicamente. Apesar do caráter popularesco de algumas propagandas eleitorais, as pessoas estavam conscientes de que estavam votando em legisladores e Ilton acha que a resposta das urnas foi excepcional, com um bom quadro de deputados e senadores. A expectativa agora é por medidas corajosas, "pois não é fácil tomar medidas que favoreçam os pobres".

Autonomia

A autonomia administrativa das satélites, uma das questões mais discutidas nos últimos tempos, é vista com cautela pelo ad-

ministrador regional de Ceilândia. Ele tem dúvida ainda quanto ao melhor sistema a ser usado (municipalização ou não das cidades) e só está certo de que o primeiro passo seria uma Câmara Legislativa para o DF. A eleição direta para governador é outra dúvida de Ilton Mendes: "Brasília depende em mais de 60% do orçamento da União; e se nós elegermos alguém não sintonizado com a presidência da República?". De providência concreta, ele fala de uma natural inversão de recursos, para que 75% do orçamento seja destinado às satélites tirando do Plano Piloto a condição, nem sempre tão vantajosa, de pólo de atração do DF.

A partir desta autonomia, poderão ser resolvidos problemas graves da cidade como o de moradia, um dos que mais preocupa a administração regional. Segundo Ilton Mendes, Brasília corre o risco de ser sufocada pelo déficit de moradia e pela migração; pessoas de outros estados são atraídas pelas "facilidades" de conseguir lotes através da SHIS. "Ou se resolve o problema a nível nacional ou se cria a expectativa de que Brasília é o lugar ideal para se morar". A questão de Samambaia, segundo ele, já está sendo resolvida pelo governo, e assim que se efetivar a transferência de responsabilidades do BNH para a Caixa Econômica, medidas poderão ser anunciadas, como já se fez com o recadastramento da SHIS. Só assim espera-se resolver o problema das quase 30 mil famílias.

Além da moradia, outros problemas graves são apontados pela administração regional como dificuldades para o desenvolvimento de Ceilândia. O transporte, por exemplo, só poderá tornar-se eficiente com a implantação de um sistema de transporte de massa, substituindo os ônibus atuais. No campo de saúde, já há um projeto na Secretaria de Saúde para a construção de um hospital com capacidade para 400 leitos, junto à Escola Bradesco. "Uma cidade com 500 mil habitantes e apenas um hospital e dez centros de saúde enfrenta muitos problemas", garante o administrador. Por conta desta deficiência, a idéia inicial de uma ação preventiva de saúde não tem funcionado.

Mesmo contando com duas delegacias e dois postos policiais, Ceilândia reivindica mais uma delegacia, que seria instalada no Setor P Sul. Houve propostas, dada a gravidade da situação em alguns bairros, de se fazer a segurança com a própria população, contratando-se guardas ou colocando-se pessoas da comunidade para tomar conta das ruas. Mas todos estes são problemas normais de uma cidade de 500 mil habitantes, que tem bairros com 110 mil habitantes, como o setor P Sul ou a Expansão do Setor O, com 35 mil pessoas recém-instaladas. A solução para o gigantismo, segundo o administrador, é que Ceilândia cresça verticalmente e de forma ordenada, deslocando recursos para atender às necessidades de cada setor.